

HOMEOPATIA – ARQUÉTIPOS E RESSONÂNCIA MÓRFICA

HOMEOPATHY – ARCHETYPES AND MORPHIC RESONANCE

RUBENS DOLCE FILHO¹

INTRODUÇÃO

Carl G. Jung formulou o conceito do inconsciente coletivo como uma memória coletiva da humanidade, como um segundo sistema psíquico não-pessoal herdado, ao lado do nosso consciente, onde as pessoas estariam mais ajustadas aos membros de sua própria família, raça e grupo social. No entanto, haveria uma ressonância de fundo de toda a humanidade, uma experiência combinada ou média de coisas básicas que todas as pessoas experimentam (por exemplo, comportamento materno e vários padrões sociais e estruturas de experiência e pensamento).¹

Os instintos do inconsciente coletivo na espécie humana, são o depósito da experiência ancestral, isto é, de toda experiência que essa espécie teve do mundo. O seu “campo” é a natureza, o mundo externo dos objetos, incluindo o coletivo humano e o organismo psicofísico autônomo, assimilador e reativo do próprio homem. Ou seja, há na psique coletiva do homem uma camada construída a partir das reações instintivas, especificamente humanas do homem, ao seu ambiente natural. Outra camada contém os instintos de grupo, isto é, a experiência do ambiente especificamente humano, do coletivo como raça, grupo, etc. Essa camada abrange desde os instintos de rebanho e reações especificamente grupais, pelas quais uma raça ou um povo se distingue dos outros, até a relação diferenciada com o “tu”. Uma camada final é formada por reações instintivas ao próprio organismo psicofísico e às suas modificações. Por exemplo, a fome, as constelações hormonais, etc. são respondidas por reações instintivas. Todas essas camadas se intercomunicam. O seu denominador comum é que as reações são puramente instintivas, ou seja, a unidade psicofísica reage por meio de atos inteligentes que não se baseiam na experiência individual, mas da experiência ancestral, atos realizados sem a participação da consciência.²

Jung chamava a personalidade supraordenada de *self*, que separava estritamente do eu, o qual só vai até onde chega a consciência do todo da personalidade, no qual se inclui além da parte consciente, o inconsciente. O eu está para o *self* assim como a parte está para o todo. Assim sendo, o *self* é supraordenado ao eu. Ele não é sentido como sujeito, mas como objeto e isto devido à sua parte inconsciente, que só pode chegar indiretamente à consciência via projeção. Por causa da parte inconsciente, o *self* se acha tão distante da consciência que se, por um lado, pode ser expresso por figuras humanas, por outro necessita de símbolos objetivos e abstratos, que são os arquétipos. As figuras humanas representativas dos arquétipos são pai e filho, mãe e filha, rei e rainha, deus e deusa. Da mesma forma, os símbolos teriomórficos são dragão, serpente, elefante, leão, urso ou outro animal poderoso. E, por outro lado, aranha, caranguejo, borboleta, besouro, verme, etc. Os símbolos vegetais são, em geral, flores (lótus e rosa!). Estas úl-

Palavras-chave:

Homeopatia, Arquétipos, Ressonância Mórfica, Similitude.

Keywords:

Homeopathy; Archetypes and Morphic Resonance.

¹ Médico Homeopata RQE: 28030.

Autor do livro *Homeopatia e o Reino Animal*.

E-mail: rudolcef@gmail.com

timas conduzem às formas geométricas como círculo, esfera, quadrado, quaternidade, relógio, firmamento, etc. O alcance indefinido da parte inconsciente torna, portanto, impossível uma apreensão e descrição completas da personalidade humana. Consequentemente, o inconsciente complementa o quadro com figuras vivas, que vão do animal até a divindade como os dois extremos além do humano. Além disso, o extremo animal é complementado pelo acréscimo do vegetal e do abstrato inorgânico, tornando-o um microcosmos.¹

O primeiro a tentar a correlação de fenômenos análogos, porém diversos, usando o conceito de entidades arquetípicas subjacentes foi Goethe. Com o objetivo de sistematizar a anatomia comparada, Goethe propôs a hipótese de um “tipo anatômico”, isto é, o padrão básico de um “animal arquetípico” (também de uma “planta arquetípica”) como imagem genérica que contivesse as formas de todos os animais como potencialidades e de acordo com o qual cada animal pudesse ser descrito dentro de uma ordem definida. Aquelas qualidades consideradas similares ou comuns a todos, após a comparação das diferentes formas modelariam a imagem abstrata do arquetipo.

Em seu trabalho sobre a metamorfose das plantas, Goethe demonstrou que a multiplicidade das várias formas de vegetais, como também as diferentes partes dentro de uma mesma planta, tais como a raiz, haste, folha, flor, fruto, semente, etc., representam apenas variações ou metamorfoses de uma planta arquetípica. De modo semelhante, demonstrou que as várias formas do esqueleto humano e animal são variações de uma forma básica.³

Uma série de arquetipos é o principal constituinte da mitologia, que esses arquetipos mantêm entre si uma relação orgânica e que a sua sucessão por estágios determina o crescimento da consciência. No curso de seu desenvolvimento ontogenético, a consciência individual do ego tem de passar pelos mesmos estágios arquetípicos que determinam a evolução da consciência na vida da humanidade. Na sua própria vida, o indivíduo tem de seguir a estrada percorrida antes dele pela humanidade, estrada na qual esta deixou marcas da sua jornada impressas na sequência arquetípica das imagens mitológicas. As imagens arquetípicas são, normalmente, vividas sem distúrbios e o desenvolvimento da consciência nos indivíduos se processa tão naturalmente quanto o desenvolvimento físico nos estágios da maturação corporal. Como órgãos da estrutura da psique, os arquetipos se articulam uns com os outros do mesmo modo autônomo que os órgãos físicos e determinam a maturação da personalidade de maneira análoga à ação dos componentes hormonais biológicos na constituição física.²

Rupert Sheldrake propõe o conceito de ressonância mórfica que é muito semelhante à ideia do inconsciente coletivo de Jung. A principal diferença é que o inconsciente coletivo é aplicado principalmente à experiência e à memória coletiva humana. A

ideia de Sheldrake é que um princípio muito similar opera em todo o universo, não apenas em seres humanos, como Goethe já descrevia de forma mais primordial. Existe uma memória coletiva à qual estamos todos sintonizados, a qual forma um pano de fundo onde nossa própria experiência e nossas memórias individuais se desenvolvem. Cada indivíduo desenha e contribui para a memória coletiva das espécies. Isso significa que novos padrões de comportamento podem se espalhar mais rapidamente do que seria inicialmente imaginável.

Através da ressonância mórfica, os padrões de atividade em sistemas auto-organizados são influenciados por padrões semelhantes do passado, dando a cada espécie e a cada tipo de sistema auto-organizado uma memória coletiva. Herdamos hábitos corporais, emocionais, mentais e culturais, incluindo os hábitos de nossas línguas. Os campos que organizam a atividade do sistema nervoso também são herdados através da ressonância mórfica, transmitindo uma memória coletiva e instintiva. Cada indivíduo desenha e contribui para a memória coletiva das espécies.

Cada espécie tem seus próprios campos, e dentro de cada organismo existem campos dentro de campos. Dentro de cada um de nós está o campo de todo o corpo; campos para braços e pernas e campos para rins e fígados; dentro estão campos para os diferentes tecidos dentro desses órgãos, e depois campos para as células, e campos para as estruturas subcelulares, e campos para as moléculas, e assim por diante. Existe toda uma série de campos dentro de campos e estes têm uma espécie de memória incorporada derivada de formas anteriores de tipo semelhante. O campo dos fígados é moldado pelas formas dos fígados anteriores e o campo das araucárias pelas formas e organização das araucárias anteriores. Através dos campos, por um processo denominado ressonância mórfica, a influência do semelhante sobre o semelhante, há uma conexão entre campos semelhantes. Isso significa que a estrutura do campo possui uma memória cumulativa, baseada no que aconteceu com a espécie no passado. Esta ideia aplica-se não apenas aos organismos vivos, mas também às moléculas de proteínas, aos cristais e até mesmo aos átomos. Campo mórfico é um termo mais amplo que inclui os campos da forma e do comportamento.^{4,5}

A ideia de campo energético, ou eletromagnético ou de informação é objeto de estudo em várias áreas do conhecimento humano que pode ser aplicada no âmbito da Homeopatia. O neurocientista Dr. Michael Persinger realizou numerosos estudos examinando os efeitos dos campos magnéticos com similar magnitude do campo geomagnético da Terra nas funções cerebrais e na transferência de informações. Ele mostrou que a aplicação de campos externos pode induzir estados de consciência alterados, como também ele sugeriu que o espaço ocupado pelo campo geomagnético da planta pode armazenar informações relacionadas à atividade cerebral e que essa informa-

ção pode ser acessada por todos os cérebros humanos. Persinger sugere que o campo magnético da Terra pode atuar como um suporte de informação entre os indivíduos e essa informação, independente da intensidade do sinal que a transporta, é importante para a interação com as redes neurais.⁶

HOMEOPATIA E ARQUÉTIPOS

Quando se efetua uma experimentação patogénica provoca-se no ser humano um conjunto de sintomas que exprimem uma faceta do relacionamento entre a substância e o reino humano. Portanto, forma-se um conjunto de características da substância, incompleto em todas as potencialidades nessa relação, já que o ideal seria experimentá-la em um número consideravelmente grande de pessoas para se ter uma imagem mais abrangente de sua sintomatologia. Hahnemann formulou um método para comparar os sintomas comuns à maioria dos sujeitos com os sintomas das doenças mais semelhantes; como resultado dessas qualidades comuns ou análogas, ele abstraiu a totalidade característica do quadro de um medicamento. Esse quadro do medicamento contém cada item especial de uma prova ou de uma doença similar como potencialidade. É uma imagem arquetípica de acordo com o postulado de Goethe, porquanto jamais um único provador ou um único paciente poderia, na realidade, apresentar todos os sintomas característicos atribuídos ao medicamento em sua totalidade; cada caso real apresenta não mais que um aspecto rudimentar e variado da totalidade conceitual ideal.³

Edward C. Whitmont faz uma grande síntese entre homeopatia, humanidade e cosmologia quando descreve os padrões subjacentes ao microcosmo humano e ao macrocosmo exterior em analogia e reflexão mútuas. Para ele, a Homeopatia ilustra a antiga noção alquímica de que vários estados da consciência humana estão codificados em várias substâncias minerais, vegetais e animais. Esses estados de consciência estão adormecidos nestes materiais esperando pelo seu desenvolvimento no nível humano. Ele considerava os sintomas das experimentações um campo de fatos tão reais quanto os símbolos e arquétipos da psicologia de Jung. Via os remédios como algo parecido com arquétipos, o que significa tratá-los de forma não causal, não linear, fenomenológica, percebendo-os de forma simples e sem julgamento em relação às questões e tensões das pessoas, tendo um espelhamento nas experimentações.⁷

Celio T. Costa, num estudo das experimentações do medicamento *Apis mellifica*, formula o pressuposto que a abelha traz impresso em seu inconsciente coletivo o passado evolutivo da espécie. A patogênese feita pela maceração da abelha operária apresenta sintomas de todos os representantes da colmeia, ou seja, das próprias operárias, da rainha e do zangão. A

compreensão histórica da vida da abelha iria ajudar a entender fenomenologicamente os sintomas apresentados na patogênese no homem são e, desta forma, esse estudo serviria para uma melhor compreensão da Matéria Médica de *Apis mellifica*.⁸

Agregar conhecimento da substância vindo de outros meios traz uma visão tridimensional, holográfica da relação entre ela e o humano. É importante procurar um tipo de conexão existente na história, nos mitos, nas lendas, nos dados antropológicos ou o que vem a ser a projeção humana nas substâncias. Porém, cada substância não é uma entidade isolada nesse planeta. Ela está ligada aos seus ancestrais de uma mesma família botânica ou animal, por exemplo, ou até com a própria formação geológica do nosso planeta. Desta forma, criam-se grupos maiores por analogia de algumas características comuns entre seus membros, formando-se campos, assim como se formam campos coletivos humanos.

Na Homeopatia clássica (Hahnemanniana e Kentiana) os sintomas são considerados como fatos por si próprios e determinantes na escolha do medicamento. Isso pode dar a impressão que eles são definitivos, numa relação de quase causa-efeito. Os sintomas são expressos através da linguagem do experimentador e do enfermo, porém, nossa linguagem frequentemente é simbólica, como ocorre nas sensações encontradas em toda nossa Matéria Médica.

Sintomas representam campos. Cada sintoma contém não apenas sua forma corporal, mas também um campo circundante dos padrões de comportamento e das estratégias de sobrevivência correspondentes. No quadro de uma doença uma certa quantidade de energia flui para uma estrutura rígida que está profundamente gravada no inconsciente sob a forma de padrão. O campo formativo alimenta-se do padrão profundo. Este pode ser comparado a uma moldura que admite diversas imagens que a ela se adaptam, mas de modo algum todas elas. A moldura estabelece o princípio que pode expressar-se em seu campo.

Contraírem uma doença quer dizer o seguinte: uma temática fundamental como, por exemplo, um problema de agressão, estabelece a moldura no plano do padrão. Na superfície podem formar-se quadros aparentemente muito diferentes, talvez alergias, hipertensão, cálculos biliares ou a compulsão de roer unhas. Com isso, entretanto, somente se descreve a superfície do plano corporal. No plano do comportamento há igualmente uma paleta de possibilidades nas quais o mesmo padrão pode expressar-se. Nossa vida está impregnada de padrões que estabelecem as condições da moldura.

Um outro plano em que o padrão se torna reconhecível é o dos arquétipos. Eles são muito semelhantes aos princípios primordiais, que são única e exclusivamente arquétipos muito puros. Os padrões, por sua vez, são construídos a partir de princípios primordiais, arquétipos e das relações existentes entre eles.⁹

Ao se fazer um estudo mais sintético dos remédios e dos estados enfermícios dos pacientes é possível identificar uma perturbação central, uma fonte a partir da qual todos os sintomas são gerados. O estado doente não é uma combinação irregular e caótica de sintomas, mas um estado unitário, com um tema ou problema central. Esse estado pode ser expresso de muitas maneiras e em diferentes níveis, mas ainda é o mesmo estado. Todas as expressões levam em si o mesmo padrão originário da essência. Isso é o que na teoria do caos é conhecido como “fractal”. Fractais são parte de um todo que carregam o padrão completo dentro de si. O padrão se repete em todos os tipos de partes, pequenas e grandes, e no todo. A ideia de essência tem sido expressa de muitas maneiras na Homeopatia: essência, força vital, gênio, fonte, problema principal, problema básico, sensação vital, delírio básico.

Por exemplo, quando uma paciente relata essas queixas (perguntas do médico em negrito):

1. Qualquer roupa que aperta me piora a dor ciática. Esse problema com a roupa eu já tinha dor na região lombar e as pernas. **QUE TIPO DE ROUPA?** Jeans apertado, roupas que agarram no corpo, blusa apertada não consigo usar, porque queima a pele.
2. Tenho uma angústia em dias nublados, é uma falta de ar como se o corpo estivesse pequeno. **COMO?** É como se eu tivesse presa, limitada e meu corpo encolhesse, a região do peito é pior ainda, prende
3. Eu era subjulgada pelas regras e políticas das outras pessoas. Eu me revoltava, era como se eu estivesse em segundo plano. **COMO ERA ESSA REVOLTA?** Era essa sensação de estar presa, do nublado, que estou presa numa situação que não tem muito o que fazer.
4. Desde criança eu me sentia presa num lar onde tinha muita violência. Depois me senti presa tendo que abrir mão de tudo para que marido, cunhado e sogro estivessem bem. **COMO É FICAR PRESA?** Limitação, sofrimento, aperto, volto a sentir apertada.
5. Eu não tinha muita liberdade, tinha uma política bem rígida em casa.

Nesse discurso estão embutidos sintomas homeopáticos repertorizáveis e sensações que, se tomados separados, podem induzir a um diagnóstico medicamentoso inadequado. Todas as cinco queixas são manifestações diferentes de uma mesma essência da paciente que é um grande desejo de liberdade. Liberdade é o campo, arquétipo ou molde por onde toda a problemática da paciente, expressa também em sintomas físicos, se manifesta, é a fonte dos seus problemas. Começa no nível do arquétipo e emana através de todos os níveis e, finalmente, para o corpo físico. Os sintomas são expressões da essência. Em muitos casos, toda a sintomatologia pode ser vista como sim-

bólica de um problema principal, expressando a mesma mensagem em todos os níveis, de forma mais ou menos semelhante. Isso também é conhecido na medicina ortodoxa: as doenças funcionais precedem as anormalidades físicas às vezes por vários anos.

Os arquétipos podem ser expressos com mais de um conceito. O arquétipo “pai”, por exemplo, pode ser expresso com o conceito “autoestima” ou “valores vitais”. Na linguagem eles parecem diferentes, mas para a psique arquetípica eles são a mesma coisa e, portanto, podem ser intercambiados sem qualquer problema. Devemos ser cuidadosos com as palavras, pois elas podem, às vezes, ser atribuídas incorretamente ou são vagas e têm mais de uma conexão arquetípica. O contexto do discurso é que acaba decidindo isso. Por esse motivo é que a linguagem pode complicar a anamnese homeopática.¹⁰

HOMEOPATIA E RESSONÂNCIA MÓRFICA

Para Van Galen, o funcionamento da Lei dos Semelhantes baseia-se no princípio da Ressonância Mórfica proposto por Rupert Sheldrake: a semelhança não consiste em um possível envenenamento com *Pulsatilla* de um paciente com sintomas de *Pulsatilla*, mas em sintomas que assumem a forma de uma experimentação de *Pulsatilla*. A ressonância mórfica, portanto, não reside na semelhança entre *Pulsatilla* como planta e seus sintomas, mas na transferência da energia e informação desta planta potencializada em um paciente possuído homeopaticamente por sintomas de *Pulsatilla*. No fenômeno de transferência eletromagnética reside a possibilidade de Ressonância Mórfica.

O miasma *Psora* hahnemanniano representa o campo mórfico que ao longo das gerações permanece determinante para assumir a forma de uma doença crônica percebida por uma erupção cutânea fortemente pruriginosa. A *Psora* pode ser considerada como um ‘campo mórfico’ e transmitida através do tempo e do espaço e, portanto, por gerações, até o presente momento. Tudo isso é possível se reconhecermos a existência de Ressonância Mórfica.¹¹

O próprio Sheldrake afirmou que parece haver uma semelhança entre o conceito de Ressonância Mórfica e Homeopatia, pois ambos funcionam de acordo com o princípio da semelhança. Ele acredita que padrões de energia específicos (possivelmente registrado em moléculas de água) são formados durante o processo de sucussão e que seu conceito de campos mórficos poderia contribuir para explicar esse processo.¹²

Todo ser humano experimenta um forte legado imaterial de sua família, principalmente vindo de seus pais e avós. Mesmo que assumamos com pessimismo que a base genética das doenças nunca será encontrada, a influência de doenças transmitidas por pais e avós podem ser explicadas em termos de Ressonân-

cia Mórfica. Em outras palavras, doenças familiares não precisam ser transmitidas de uma maneira geneticamente demonstrável para elas aparecerem de novo de forma muito semelhante em grupos de organismos.

Na criança, os grandes arquétipos e imagens do inconsciente coletivo são realidade viva e se acham muito próximos; na verdade, muitos dos seus ditos e reações, perguntas e respostas, sonhos e imagens, exprimem esse conhecimento que ainda deriva da sua existência pré-natal. É uma experiência transpessoal e não adquirida pessoalmente, uma propriedade trazida por ela do “outro lado”. Por isso, esse conhecimento é considerado, com justiça, um conhecimento ancestral e a criança, um ancestral renascido.

A teoria da hereditariedade, ao comprovar que, em termos biológicos, a criança carrega dentro de si a herança ancestral, sendo até, em larga medida, essa herança também justificada do ponto de vista psicológico. O transpessoal como arquétipo e instinto do inconsciente coletivo é, por essa razão, definido por Jung como “a experiência ancestral dentro de nós”; desse modo, a criança, cuja vida como entidade pré-pessoal é largamente determinada pelo inconsciente coletivo, é de fato a portadora dessa experiência ancestral que nela vive.²

A epigenética comprova isso no plano físico em um estudo observacional a qual se analisou os efeitos de um episódio acontecido no fim da Segunda Grande Guerra, a ocorrência de fome que vitimou grande parte da população rural da Holanda ocidental, sob a ocupação alemã. Os descendentes das mulheres que sobreviveram à guerra integram, desde aquela época, uma amostra para estudos sobre os efeitos da inanição materna sobre os fetos. Aos 50 anos, homens e mulheres que estavam no útero de suas mães durante aquele período de fome apresentaram doenças cardíacas, hipertensão e diabetes do tipo II em maior proporção do que a média da população. As meninas cujas mães passaram fome no primeiro trimestre de gravidez tiveram mais tendência ao câncer de mama; as que foram expostas à subnutrição no segundo trimestre de gestação apresentaram maior incidência de problemas nos pulmões e rins. Como explicar os efeitos sentidos na fase adulta de situações que existiram apenas na vida intrauterina? E, mais, como explicar que netos e netas das grávidas em questão também exibam as mesmas tendências de seus pais?¹³

Jung já intuía sobre esses aspectos quando afirmava que seria quase possível estabelecer a tese de que os verdadeiros geradores das crianças não são seus pais, mas muito mais seus avós e bisavós, enfim toda a sua árvore genealógica. É essa ascendência genealógica que determina a individualidade da criança de maneira mais eficiente do que propriamente os pais imediatos, que o são apenas de modo quase que fortuito. Por isso também a verdadeira individualidade psíquica da criança é algo de novo em relação aos pais, e não pode ser deduzida da psique

deles. Ela é uma combinação de fatores coletivos, os quais na psique dos pais se encontram apenas potencialmente presentes, e em geral nem são observáveis. Não apenas o corpo da criança, mas também sua alma, provém da série dos antepassados, no sentido de que ela não pode ser distinguida individualmente da alma coletiva da humanidade. Por estar espalhada por toda a parte na alma coletiva, que ainda está muito próxima da criança pequena, esta “percebe” não apenas os condicionamentos mais profundos dos pais, mas também, em um âmbito mais extenso, o bem e o mal existentes nas profundezas da alma humana. A alma inconsciente da criança possui uma extensão incalculável e, da mesma forma, uma idade incalculável.¹⁴

Bert Hellinger, utilizando-se dos preceitos de Ressonância Mórfica de Sheldrake, descreve o conceito de emaranhamento que significa que alguém na família retoma e revive inconscientemente o destino de um familiar que viveu antes dele. Existe uma consciência de grupo que influencia todos os membros do sistema familiar. A este pertencem os filhos, os pais, os avós, os irmãos dos pais e aqueles que foram substituídos por outras pessoas que se tornaram membros da família, por exemplo, parceiros anteriores (maridos e mulheres) ou noivos(as) dos pais. Se qualquer um desses membros do grupo foi tratado injustamente, existirá nesse grupo uma necessidade irresistível de compensação. Isso significa que a injustiça que foi cometida em gerações anteriores será representada e sofrida posteriormente por alguém da família para que a ordem seja restaurada no grupo. É uma espécie de compulsão sistêmica de repetição. Mas essa forma de repetição nunca coloca nada em ordem. Aqueles que devem assumir o destino de um membro excluído da família são escolhidos e tratados injustamente pela consciência do grupo. São, na verdade, completamente inocentes. A consciência de grupo não conhece justiça para os descendentes, mas somente para os ascendentes. Obviamente isso tem a ver com a ordem básica dos sistemas familiares. Ela atende à lei de que aquele que pertenceu uma vez ao sistema tem o mesmo direito de pertinência que todos os outros. Mas, quando alguém é condenado ou expulso, isso significa “Você tem menos direito de pertencer ao sistema do que eu”. Essa é uma injustiça expiada através de emaranhamento, sem que as pessoas afetadas saibam disso.¹⁵

Ao estudarmos os medicamentos agregando-os por algum tipo de analogia para formar grupos ou famílias seja de origem mineral, vegetal ou animal, o conjunto de características, temas, arquétipos, sensações, sintomas comuns, etc. de um determinado grupo forma um campo mórfico no espaço-tempo, a qual os pacientes por ressonância se ligam inconscientemente. Como descreve Sheldrake, um campo mórfico pode conter outro em escala hierárquica. Transpondo para a Homeopatia, os campos mórficos maiores que devemos inicialmente perceber seria em

qual reino o paciente se liga e, dentro de cada reino, os sub-reinos, ou seja, campos menores inseridos no maior. Devemos perceber em que linha e coluna da Tabela Periódica, em que família filogenética de planta ou em que filo do reino animal está ligado o paciente aos campos mórficos dos reinos mineral, vegetal e animal respectivamente. Cada subcampo pode se interconectar com outro por apresentar características em comum. Por exemplo, temos o grupo dos Insetos, que dentro deles podemos formar um outro subgrupo dos parasitas, a qual podemos agregar as sanguessugas que não são insetos, mas possuem características de campo mórfico dos parasitas comum àquelas.

O estudo sistemático e profundo dos grupos/campos mórficos homeopáticos proporciona não só afunilar o leque de medicamentos disponíveis, mas também permite ao médico homeopata entrar em contato com eles por ressonância, e reconhecê-los de forma mais fácil e intuitiva no discurso e energia passada pelo paciente que o procura.

EXEMPLOS PRÁTICOS DE OBSERVAÇÃO DE CAMPOS MÓRFICOS NA SEMIOLOGIA HOMEOPÁTICA

Os campos mórficos e arquétipos são transmitidos por gerações e, com isso, pode ser de ajuda inestimável na semiologia homeopática desde que estejamos atentos a eles. A transmissão desses arquétipos/campos mórficos pode ocorrer por uma característica física, um comportamento comum, um sentimento, uma história repetida entre gerações, etc. Não há uma regra clara e única de como encontrar os elos entre todos os componentes de um grupo ou família de pacientes. Sempre que possível, é útil buscar informações da gestação e dos antepassados de quem nos procura, porque pode facilitar a busca do medicamento curativo numa característica comum encontrada em membros de suas famílias, mesmo em antepassados distantes.

Como exemplo, um paciente do sexo masculino procurou ambulatório da Associação Paulista de Homeopatia com queixa de depressão desde que ficou sem trabalho havia seis meses. Também tinha dificuldade de aprendizado e foco, perda de memória, coisa que não tinha antes. O maior choque para ele foi no seu último emprego formal em um *callcenter*, realidade que já tinha vivido por muitos anos como gestor de atendimento. Agora ele não conseguiu fazer uma planilha simples e, nos três meses que trabalhou nesta última empresa, não conseguiu decorar seu login de acesso ao sistema de informática da empresa. Isso o fez pedir demissão e trabalhar como motorista de aplicativo por um tempo, mas a empresa de aplicativo o bloqueou sem motivo. Anteriormente trabalhou numa empresa por vários anos e com a mudança de setor que lhe impuseram, não concordava com o que

o seu superior cobrava para ele fazer e pediu demissão. A autoestima ficou ainda mais baixa por também não corresponder à questão de ser o provedor da família. Na história familiar, seu pai, migrante nordestino, conseguiu uma ascensão profissional como bancário, mas pediu demissão por não concordar com o seu chefe, pegou a indenização, comprou carro, casa e um bar, e perdeu tudo. Ele virou alcoólatra, levando a família a uma situação de grande dificuldade financeira. Para o paciente, a imagem de herói do pai caiu. Observem que a história de vida se repete. Tanto o paciente como o seu pai pedem demissão por discordância com superiores e acabam “falindo”. A questão do arquétipo paterno está muito presente na história e foi determinante na escolha do medicamento *Natrum carbonicum*, cuja essência do elemento carbono neste sal está ligada a problemas relacionados ao pai e ao mito do herói de acordo com estudo trazido por Jan Scholten. Em cinco meses de tratamento, unicamente na dinamização 12 CH tomada diariamente, sentia-se equilibrado, num estado de mais felicidade, memória completamente recuperada, dormindo bem e, neste intervalo, abriu uma empresa, recebendo alta do ambulatório.

Alize Timmerman descreve o tratamento de três pacientes de uma mesma família com o mesmo medicamento, *Lactrodectos mactans*. A primeira paciente atendida foi a mãe, depois compareceu a avó e por último a criança, filha da primeira paciente. Nos três casos havia semelhanças impressionantes. Todas as três cresceram sem um pai ou com um pai que faleceu durante a primeira infância e compensaram essa lacuna familiar desenvolvendo uma possessividade intensa e fazendo uma hiperconexão com suas mães, ou vice-versa, no cuidado das filhas. Em todas as pacientes o tema principal é a “hiperconexão”, com elas sendo incapazes de escapar do excesso de dependência e de um sentimento de tristeza e desespero, o que resultava em raiva quando a conexão era quebrada, ou mesmo quando imaginavam rompida. Isso resultava em problemas somáticos cardíacos, com palpitações e dores em cólicas, irradiando para o lado esquerdo do corpo. A maneira mais interessante de análise foi trazendo todos os sintomas dessa família juntos como uma unidade. Então, tratou-se as gerações, o miasma familiar, curando doenças antigas profundas, problemas emocionais e psicológicos. O tratamento das três gerações, todos relacionados, em diferentes níveis, a uma imagem do remédio, resultaram na melhoria das queixas das três pacientes e na restauração de relações familiares mais saudáveis.¹⁶

Elizabeth Adalian descreve o tratamento de vários membros de uma mesma família, cuja origem do distúrbio iniciou-se com a primeira geração, o avô R já falecido. O primeiro a ser tratado foi o pai L, que foi depreciado e desdenhado a vida toda pelo avô R. Por conta disso, L se sentia órfão e ‘fugitivo em fuga’, tinha sentimento de abandono, culpa pelo câncer da mãe e sentia-se responsável por carregar o fardo den-

tro da família com a ‘ausência’ emocional de seu pai. O remédio que o levou a uma atitude mais equilibrada foi *Magnesia bromata*. Alguns anos mais tarde vieram os dois filhos do pai L. O mais velho M de 12 anos, não conseguia sair da cama por horas, recusava-se a ir para a escola e via-se no papel de pacificador da família, pois presenciava discussão entre seus pais, mas ao mesmo tempo se sentia ignorado pelos membros da família. O remédio que M respondeu foi *Magnesia muriatica*, que está de acordo com todo o tema da promoção da paz em famílias ‘destruídas pela guerra’, bem como um sentimento de profunda negligência. O terceiro foi o filho caçula F com queixas de falta de vitalidade e apetite, indiferença pela vida, não demonstrava emoções e na escola vivia no mundo da lua. Aconteceu que, tendo testemunhado a recusa de seu irmão de ir para a escola, ele compreensivelmente temia a transferência para uma escola de nível inferior. Portanto, inconscientemente, ele simplesmente se desligou do mundo escolar. Seu apetite voltou ao normal, reconciliou-se com os eventos da vida e passou a se separar do drama familiar e defender sua autonomia dentro de todo aquele emaranhado depois de tomar *Magnesia carbonica*. Adalían concluiu, a partir desses casos, que era como se essas crianças estivessem perpetuando a mensagem da família – através da linha masculina – da ameaça ao seu próprio direito de existir. Após seus tratamentos, assim como o do pai L, era como se o ‘membro infrator’ (o avô R) pudesse estar difundido sua influência, embora ele já estivesse morto àquela altura, e a dinâmica familiar pôde ser curada e integrada na fonte.¹⁷

DISCUSSÃO

Faz parte do dia a dia do médico homeopata a busca pelo que é de mais individual no paciente, aquilo que o diferencia das demais pessoas e/ou características sintomatológicas distintas daquelas que são comuns a uma entidade nosológica. Dentro dessa busca, os sintomas da mente e temperamento são os mais valorizados, de acordo com as orientações deixadas pelos mestres. No entanto, há uma deficiência de formação do médico, já na graduação, no estudo dos aspectos psicológicos da mente humana. Essa deficiência pode, em certos casos, fazer com que não consigamos entender o que é de mais profundo no indivíduo que nos procura, levando-nos a tratar a superficialidade que ele nos traz, embora também com bons resultados. Porém, o discurso e dinâmica doentia do indivíduo permanecem, mesmo ele tendo melhorado clinicamente. Aquilo que o paciente mostra através de sintomas e sensações, frequentemente é aquilo que seu ego pode suportar e ele inconscientemente mascara o problema mais profundo que ele próprio não quer ou não consegue observar em si próprio.

Há uma clara concordância entre o desenvolvimento civilizacional humano desde os primordiais *Homo sapiens* e o desenvolvimento emocional de uma criança. Nesse processo de maturação infantil é onde a maior parte dos traumas inconscientes e subconscientes são instalados num indivíduo. Médicos homeopatas como terapeutas holísticos, a qual não se faz separação entre o compartimento físico e mental das pessoas, podem perceber esses traumas através da projeção inconsciente que os enfermos fazem para o mundo exterior, através de sintomas, sensações, temas, sonhos, padrões, arquétipos, campos funcionais, informações, etc. Não necessariamente essas projeções são sintomas patogênicos repertoriáveis, daí a importância do estudo dos grupos e famílias de medicamentos homeopáticos por onde algumas dessas questões foram possíveis de serem desvendadas, através do encontro de padrões presentes em medicamentos pertencentes ao mesmo grupo.

Buscamos individualizar o paciente e o tratamento, mas todos nós somos influenciados pelas dinâmicas sistêmicas do mundo que nos cerca. A tendência é repetir inconscientemente os problemas do passado e levá-los adiante. Desta forma, a noção de individualidade é relativizada.¹⁸ Portanto, a enfermidade de uma pessoa é fruto de um condicionamento adquirido desde sua gestação somado a toda história doentia da sua família, seja genética, epigenética ou de campo informacional. Quando um membro de uma família é trazido para tratamento, o pivô da problemática não está necessariamente dentro desse paciente. Muitas vezes a influência da dinâmica familiar, quando prejudicial, atua como uma causa mantenedora e é uma característica frequentemente negligenciada nos atendimentos homeopáticos. Essa influência tóxica é transmitida no campo mórfico informacional presente na dinâmica familiar, onde os descendentes acabam assumindo e incorporando essa influência como se fosse sua sem a participação da sua consciência.

Por ressonância, o campo eletromagnético de cada indivíduo, mediado pelos seus sistemas de crenças e pelos campos mórficos familiares, liga-se aos campos informacionais dos mitos, dos arquétipos e do inconsciente coletivo humano similares que, quando distópicos ou não harmônicos, podem levar ao adoecimento. Estes campos foram e continuam sendo acessados através das experimentações patogênicas, intoxicações, estudo de grupos e famílias de medicamentos homeopáticos, das mitologias, da antropologia, da relação das substâncias originais com o ser humano, da farmacologia, dos casos clínicos curados, etc. A similitude é encontrada em diversas camadas, desde o reino que o paciente está vibrando em ressonância, como nas classes e subclasses, ordens e famílias dentro das classificações dos elementos e medicamentos disponíveis. Portanto, o tratamento homeopático profundo, conseguido através de uma anamnese detalhada e histórica, não se resume, muitas vezes, somente na busca de sintomas patogêti-

cos. Hahnemann precocemente percebeu isso quando introduziu o conceito de miasmas. Devemos buscar a mudança miasmática dos enfermos, dos seus campos eletromagnéticos, com a consequente entrada deles em estado harmônico de saúde e, quando isso ocorre profundamente, eles também podem mudar as suas histórias de vida e dos seus entornos.

RESUMO

O inconsciente coletivo é um conceito formulado por Carl G. Jung que consiste de um nível de consciência primordial, compartilhado pelos membros de comunidade no âmbito familiar, racial, social, grupal, etc. e mediado por reações humanas instintivas ancestrais que não se baseiam na experiência individual. A assim chamada Ressonância Mórfica, elaborada por Rupert Sheldrake, amplia o conceito de inconsciente coletivo, pois opera em todo o universo, envolvendo elementos de todos os reinos da natureza. Representa uma memória coletiva auto-organizada influenciada por padrões semelhantes do passado. Poderíamos inferir que a totalidade de sintomas de uma patogenesia de uma substância é também um conjunto de símbolos e arquétipos. Cada substância está ligada aos seus ancestrais de uma mesma família botânica ou animal, como também ligada à formação geológica do nosso planeta. De forma semelhante, existe uma consciência de grupo que influencia todos os membros do sistema familiar. A verdadeira individualidade psíquica da criança é uma combinação de fatores coletivos, pois não apenas o corpo da criança, mas também sua alma, provém da série dos antepassados, no sentido de que ela não pode ser distinguida individualmente da alma coletiva da humanidade. Por estar espalhada por toda a parte na alma coletiva, a criança pequena “percebe” não apenas os condicionamentos mais profundos dos pais, mas também, em um âmbito mais extenso, o bem e o mal existentes nas profundezas da alma humana. Todos nós somos influenciados pelas dinâmicas sistêmicas do mundo que nos cerca. A tendência é repetir inconscientemente os problemas do passado e levá-los adiante. Desta forma, a noção de individualidade é relativizada. Ao estudarmos os medicamentos agregando-os por algum tipo de analogia para formar grupos ou famílias seja de origem mineral, vegetal ou animal, o conjunto de características, temas, arquétipos, sensações, sintomas comuns, etc. de um determinado grupo forma um campo mórfico no espaço-tempo, a qual os pacientes por ressonância ou similitude se ligam inconscientemente. O campo eletromagnético de cada indivíduo, mediado pelos seus sistemas de crenças e campos mórficos familiares, liga-se aos campos informacionais dos mitos, dos arquétipos e do inconsciente coletivo humano similares, podendo levar ao adoecimento.

ABSTRACT

The collective unconscious is a concept formulated by Carl G. Jung that consists of a primordial level of consciousness, shared by community members in the family, racial, social, group, etc. spheres and mediated by ancestral instinctive human reactions that are not based on individual experience. The so-called Morphic Resonance, elaborated by Rupert Sheldrake, expands the concept of the collective unconscious, as it operates throughout the universe, involving elements from all kingdoms of nature. It represents a self-organizing collective memory influenced by similar patterns from the past. We could infer that the totality of symptoms of a pathogenesis of a substance is also a set of symbols and archetypes. Each substance is linked to its ancestors from the same botanical or animal family, as well as linked to the geological formation of our planet. Similarly, there is a group consciousness that influences all members of the family system. The true psychic individuality of the child is a combination of collective factors, for not only the child's body, but also his soul, comes from the series of ancestors, in the sense that it cannot be distinguished individually from the collective soul of humanity. Because it is scattered everywhere in the collective soul, the young child “perceives” not only the deeper conditionings of the parents, but also, in a wider scope, the good and evil existing in the depths of the human soul. We are all influenced by the systemic dynamics of the world around us. The tendency is to unconsciously repeat the problems of the past and carry them forward. In this way, the notion of individuality is relativized. When we study medicines by aggregating them by

some kind of analogy to form groups or families, whether of mineral, vegetable or animal origin, the set of characteristics, themes, archetypes, sensations, common symptoms, etc. of a given group forms a morphic field in space-time, to which patients by resonance or similarity unconsciously attach themselves. Each individual's electromagnetic field, mediated by their belief systems and familiar morphic fields, is linked to the informational fields of similar myths, archetypes, and the human collective unconscious, and can lead to illness.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- JUNG CG. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. Tradução Maria Luiza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Pág. 51-62. Petrópolis: Vozes, 2000.
- NEUMANN E. *História das Origens da Consciência: uma Jornada Arquetípica, Mítica e Psicológica sobre o Desenvolvimento da Personalidade Humana*. Tradução Margit Martincic. 2ª edição. São Paulo: Editora Cultrix, 2022.
- WHITMONT EC. *Psique e Substância: a Homeopatia à Luz da Psicologia Junguiana*. Tradução de Maria Léa Schwarcz, Maria Silva Mourão Netto. São Paulo: Summus, 1989.
- SHELDRAKE R. *Morphic Resonance and Morphic Fields – an Introduction*. Disponível em <https://sheldrake.org/research/morphic-resonance/introduction> Acessado em 03/05/2024.
- SHELDRAKE R. Part I - *Mind, Memory, and Archetype Morphic Resonance and the Collective Unconscious. Psychological Perspectives (Spring 1987), 18(1) 9-25*. Disponível em <https://sheldrake.org/research/morphic-resonance/part-i-mind-memory-and-archetype-morphic-resonance-and-the-collective-unconscious> Acessado em 03/05/2024.
- PERSINGER MA. *Geopsychology and Geopsychopathology: Mental Processes and Disorders Associated with Geochemical and Geophysical Factors*. Experientia, 1987. 43: p. 92-104.
- MORRELL E. *Edward Whitmont in Perspective*. QJURE – Homeopathy Wiki, 2012. Disponível em <https://qjure.com/remedy/edward-whitmont-2/>. Acesso em 25/04/2024.
- COSTA CT. *Apis mellifica e o Inconsciente Coletivo*. Revista de Homeopatia. Vol. 55, nº 2, abr. mai. Jun., 1990.
- DAHLKE R. *A Doença como Linguagem da Alma: os Sintomas como Oportunidades de Desenvolvimento*. Tradução Dante Pignatari. São Paulo: Cultrix, 2007.
- SCHOLTEN J. *Lantanídeos Secretos – O Caminho para a Independência*. Tradução de Sílvia Waisse. São Paulo: Editora Organon, 2012.
- E. VAN GALEN, MD, *Homoeopathy and Morphic Resonance*. British Homoeopathic Journal. April 1994, Vol. 83, pp. 63-67
- FOSTER D. *Controversial British Biologist, Rupert Sheldrake, PhD, Comments on Problems Facing Homoeopathy: Summary of an Interview*. *Dynamis* 1991; 1:17-18. In: E. VAN GALEN, MD, *Homoeopathy and morphic resonance*. British Homoeopathic Journal April 1994, Vol. 83, pp. 63-67
- SILVA G, DUARTE LFD. *Epigênese e Epigenética: as Muitas Vidas do Vitalismo Ocidental*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 22, n. 46, p. 425-453, jul./dez. 2016. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0104-71832016000200015>. Acessado em 11/06/2024.
- JUNG CG. *O Desenvolvimento da Personalidade*. Tradução de Frei Valdemar do Amaral; revisão técnica de Dora Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 1986.
- HELLINGER B, HÖVEL GT. *Constelações Familiares: o Reconhecimento das Ordens do Amor*. Tradução Eloisa Giancoli Tironi e Tsuyuko Jinno-Spelter. São Paulo: Cultrix, 2007.
- TIMMERMAN A. *Over-connection and Possessive Relationships over Three Generations: a Case of *Latrodectus mactans**. *Interhomeopathy – International Homeopathic Interest Journal*, 2013 November. Disponível em <http://www.interhomeopathy.org/over-connection-and-possessive-relationships-over-three-generations-a-case-of-latrodectus-mactans> Acessado em 10/06/2024.
- ADALIAN E. *The Missing Equation: Transgenerational Trauma*. *Hopathy – Clinical Cases*. September 17, 2014. Disponível em <https://hopathy.com/clinical-cases/missing-equation-transgenerational-trauma/>. Acessado em 10/06/2024.
- FREITAS F. *Constelação Individual: do Diagnóstico à Solução*. Ribeirão Preto, SP: IBRACS, 2020.